

POR UMA DURAÇÃO DO GESTO: NOVAS ABORDAGENS PARA A CLÍNICA E PARA A DANÇA

Vilene Moehlecke¹

Resumo: Visualizamos, ao longo da história da loucura, práticas segregadoras e disciplinadoras. Atualmente, as políticas de desinstitucionalização e a Reforma Psiquiátrica visam transformar os modos de atenção e cuidado. Para isso, é preciso ampliar o olhar frente ao sujeito adoecido e também transmutar as formas de intervenção. O presente trabalho busca complexificar os diálogos entre os fazeres clínicos e as expressividades artísticas, a fim de que o sujeito portador de sofrimento psíquico possa produzir uma maior autonomia frente à vida, bem como construir novos laços com a cidade. Mapeamos efeitos e transformações que se dão nos integrantes de uma Oficina realizada em um CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), que tem como estratégia o dispositivo ético-estético da dança contemporânea. Tal grupo pode agenciar práticas inventivas, movimentos do desejo e da subjetivação. Trata-se de uma clínica que passa pelo corpo e produz novos processos temporais, abertos à criação e a outros potenciais expressivos.

Palavras-Chave: Corpo. Intervenção. Reforma Psiquiátrica.

Abstract: It is possible to observe, along the history of madness, practices that segregated and disciplined. Currently, the deinstitutionalizing policies and the Psychiatric Reform aim at transforming the ways of attention and care. To do so, it is necessary to widen the watch on the sick individual and transmute the ways of intervention. This essay tries to make complex the dialogs among the clinical work and the artistic expressivity so that an individual with psychic suffering can have more autonomy as well as build up new connections with the city. We draw a map of the effects and transformations that happen in members of a workshop held in a CAPS (Centro de Atenção Psicossocial / Psychosocial Attention Center), that uses the ethic-aesthetic device of contemporary dance as strategy. Such a group can provide inventive practices, movements of desire and subjectivation. It is about a clinical practice that uses the body and produces new time processes, open to creation and to other expressive potentials.

Keywords: Body. Intervention. Extended Clinical Practice.

MOVIMENTO I: DO CORPO DISCIPLINAR PARA UMA EXISTÊNCIA ÉTICO-ESTÉTICA

Não raras vezes, vimos, na história, práticas clínicas segregadoras, em relação à loucura, que propõem uma humanização, mas que, na verdade, reforçam o estigma e o preconceito, e estimulam modos disciplinadores e excludentes. Isso foi reforçado

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Mestre em Psicologia Social e Institucional da UFRGS; Professora do curso de Psicologia da Univates e do Pós-Graduação em Corpo, Dança e Arte.

no modelo hospitalocêntrico de cuidado do doente mental, que pretendia mantê-lo longe do convívio social. Foucault já utilizava o termo “corpos dóceis”, para discutir os corpos tornados úteis ao sistema, pois sua força física era aumentada e sua força política diminuída. Também em relação ao Hospital Psiquiátrico, isso ocorria, ou seja, corpos eram transformados em dóceis, disciplinados, para absorver modos de disciplina e controle. O tempo penetrava no corpo, mas se tratava de um tempo disciplinador, que controlava todos os movimentos e as ações do sujeito (FOUCAULT, 2007).

Nesse sentido, as discussões referentes a políticas de desinstitucionalização e à Reforma Psiquiátrica visam a uma transformação dos modos de cuidado do doente mental. Portanto, as políticas de intervenção em Saúde Mental, outrora disciplinadoras e coercitivas, vêm ampliando o leque de ações e os modos de olhar para o portador de sofrimento psíquico grave. Dessa forma, é preciso ampliar o olhar sobre o sujeito adoecido e também transmutar as formas de intervenção. Nesse ponto, temos tentado complexificar os diálogos entre os fazeres clínicos e as expressividades artísticas, no intuito de construir novas maneiras de intervenção e ação, que buscam uma maior autonomia do sujeito e de uma construção de laços com a cidade. Isso porque a arte, em sua potência de criação e desprendimento de antigos códigos, pode se tornar um dispositivo fundamental na construção de novas possibilidades para o sujeito em crise.

Assim, com várias discussões feitas em relação a novos modos de cuidado para o portador de sofrimento psíquico grave, pode ser importante a composição de outras maneiras de intervenção, mais abertas à singularidade e às potencialidades do sujeito. Nesse sentido, um dispositivo ético-estético, no caso, a dança contemporânea, pode indicar outras práticas inventivas, que priorizam uma clínica que se passa pelo corpo e que produz novos processos temporais, abertos à criação e a novos potenciais expressivos. Aqui, a lógica não se passa mais pela disciplina e pela punição, mas pela composição de novos laços afetivos com o grupo e com a estética da dança.

Desse modo, este trabalho pode servir de embasamento prático-conceitual para parte das reflexões referentes a um projeto de Doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, na UFRGS. Nesse sentido, temos o intuito de compor uma reflexão acerca de uma intervenção ético-estética, que vem sendo realizada em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Salientamos que os CAPS surgem no Brasil, a partir da Reforma Psiquiátrica, que propõe em pensamento crítico às práticas manicomialmente segregadoras e excludentes e nos faz pensar em novos espaços substitutivos ao Hospital Psiquiátrico e produtores de outras relações.

O CAPS Capilé, na cidade de São Leopoldo, vem pensando em suas práticas, no sentido de se articular com o movimento antimanicomial e propor novos modos de

cuidado, mais sensíveis às coletividades e às novas produções de saúde e de expressão da história e do sofrimento. Para tanto, a arte se torna um importante aliado nessa luta por novos modos de inserção e novos agenciamentos maquínicos do desejo.

Nesse momento, viemos problematizando uma Oficina de Expressão Corporal e seus efeitos sobre os participantes. Assim, propomos um olhar reflexivo sobre os agenciamentos do gesto e do corpo, a partir de uma perspectiva da dança contemporânea como um dispositivo de subjetivação. Podemos, então, pensar sobre os movimentos experimentados e os processos vividos, com o intuito de compor esse olhar sensível e crítico. Com isso, discutimos as construções de uma nova temporalidade do gesto, quando ele passa, ainda que gradativamente, a se tornar estético. Ou, então, trata-se de refletir sobre a possibilidade do sujeito criar uma nova estética para o seu existir, desprendida de antigos estigmas e aprisionamentos, e aberto a singularidades e problematizações criativas.

Gradativamente, na Oficina, podemos perceber as temporalidades que invadem o movimento dançado, ou seja, o sujeito passa por um processo de “duração”. Deleuze discorre sobre o tempo enquanto “duração”, um conceito de Bergson, um processo de dissolução e de criação. Não seria, então, um corpo preso em uma identidade, mas um sujeito que experimenta uma passagem, uma mudança, um devir que dura e mantém o seu movimento de expressão. (DELEUZE, 1999). Ora, quando o corpo é atravessado pelos modos disciplinares, essa lógica penetra suas formas e forças, bem como o transforma em docilidade e utilidade. O corpo da psicose, por sua vez, perde limites e sofre tensões, ao entrar em contato com as forças caóticas de um Impessoal que o move para direções ininterruptas. Segundo Pelbart (1989), um aspecto do traço esquizofrênico seria o corpo-coador. Trata-se de ter a pele perfurada por uma infinidade de buracos. Por essa via, o corpo traga a própria superfície. Nesse sentido, escancarado, aberto ao caos, o corpo suga tudo, não há limite, tampouco filtragem, pois tudo passa. É preciso, pois, criar novas formas de proteção.

Então, na Oficina de Expressão Corporal do CAPS, falamos de uma nova atualidade para o corpo, que se conecta com o paradigma estético e cria novos agenciamentos entre formas e forças. No grupo, não se trata mais de um corpo disciplinado, aprisionado na lógica disciplinar, mas sim, de um corpo da psicose, aberto, escancarado, que começa a construir uma via de proteção intensiva para o caos que o perpassa. O sujeito passa a construir uma territorialidade estética expressiva para o desejo e a vida, ao criar novos movimentos de saúde criados naquele coletivo. Desse modo, o grupo passa por muitas experimentações, a fim de alterar nossas formas de relação com o mundo, além de complexificar os modos de cuidado do sujeito em sofrimento. Conforme Foucault (2006), o cuidado de si é ético em si mesmo, porque supõe um trabalho de si sobre si, no sentido de supor uma prática reflexiva da liberdade. Ao mesmo tempo, cuidar de si requer o cuidado com o outro,

enquanto uma abertura a um outramento do sujeito, em sua capacidade de diferir e transforma-se. Assim, pensamos em modos de liberação do sujeito, quando ele se desprende de antigos aprisionamentos e se lança em um rol de novos agenciamentos maquímicos do corpo e da subjetividade. Trata-se, então, de pensarmos na estética da existência, que implica em uma relação consigo mais plástica, aberta à alteridade, envolta em novas práticas do existir e da criação de si.

Entendemos, pois, que as discussões relativas ao corpo são fundamentais, para pensarmos a nossa proposta de intervenção e de pesquisa. Além disso, a intenção é a de compor algumas conexões possíveis entre o corpo e o tempo. Bergsøem salienta que podemos falar do corpo como um limite movente entre o futuro e o passado, como de uma extremidade móvel que no passado estenderia a todo o momento em nosso futuro. Assim, recolocado no tempo que flui, o corpo está sempre situado no ponto preciso onde meu passado vem expirar numa ação (BERGSØEM, 1999, p. 84 e 85).

Para Deleuze (1998), somos tomados por um tempo de coexistência entre o que acabou de se passar, e aquilo que está por acontecer. Portanto, ao invés de uma cena envolta em cronologia e regularidade, vivenciamos as simultaneidades de um passado e de um presente próximo, que coabitam as complexidades do mundo e o transformam em um jogo caótico de contágios e fissuras. Em relação à Oficina de Dança do CAPS, podemos nos questionar quais são os tempos que acabaram de se passar, quais são os fragmentos da história que continuam a reverberar no corpo e produzir novos sentidos. Ao mesmo tempo, podemos nos questionar em que estamos nos transformando, isto é, quais são os movimentos do corpo e do gesto dançado que transportam o grupo para um tornar-se, mais potencializador e aberto a novas articulações com a vida.

Tentamos, na pesquisa, criar a conexão entre uma clínica do corpo, que passa por uma temporalização de um modo criativo de ser. Portanto, neste projeto de pesquisa, intencionamos a afirmação da vida de modo intrínseco aos atos de saúde, produzindo, de acordo com Ricardo Ceccim, uma prática mestiça, capaz de escapar ao limite disciplinar das profissões e de se expor à alteridade (CECCIM, 2000). Isso pode propiciar uma ampliação do olhar da intervenção e da clínica, no momento em que propomos novas aventuras e alianças com a estética.

Simone Paulon pensa uma ampliação da clínica que se recria, a partir de novas demandas que o contemporâneo impõe. A intervenção não se propõe pré-definida, pois ela se alia a propostas múltiplas, diversas, compostas de arranjos diversos. Trata-se, então, de entender a clínica como um processo, como uma intervenção em movimento, aberta a novos propósitos, disposta a percorrer outros percursos, para além dos já conhecidos. Ao propormos a sua ampliação, abrimos o seu campo de

conhecimento para a articulação com uma heterogeneidade de saberes e práticas, que a tornem mais inventiva, rica em novas possibilidades e territorialidades. (Paulon, 2004).

Sáimos, pois, de uma clínica disciplinadora e excludente, como não raras vezes ela o foi na história das práticas de Saúde Mental, para a construção de uma intervenção que se inventa nessa articulação entre o corpo e a dança, além de suas composições com um tempo inventivo. O corpo que dança pode compor outra relação com o tempo; então, podemos pensar no que consiste temporalizar o corpo que dança, quais seriam seus paradoxos, suas linhas de fuga e de errância, suas segmentaridades e dificuldades, seus rigores, suas aventuras e transformações (MOEHLECKE, 2005, p.46).

Portanto, esses questionamentos referentes ao corpo, ao tempo, e às intervenções em Saúde Mental, são importantes para a construção da problemática e para a articulação com o campo empírico, a saber, a Oficina de Expressão Corporal, do CAPS. Assim, viemos mapeando as experiências vividas para conectá-las com os conceitos-ferramenta que nos fazem pensar e problematizar o empírico. Temos buscado pensar os processos de um corpo paradoxal, que é atravessado por um embate dinâmico entre forças e formas. O desafio é o de tentar articulá-lo com a dança contemporânea, a fim de pensar o que vem sendo criado a partir de tal encontro. Entendemos, pois, que ocorre a transformação e a estetização do movimento dançado, por meio de um gesto que experimenta a duração, no sentido bergsoniano.

MOVIMENTO II: UM MÉTODO QUE SE FAZ A PARTIR DE NOVOS RITMOS

A proposta consiste em mapear as experimentações vivenciadas em um grupo de Expressão Corporal, que funciona sob a minha coordenação, em um CAPS – Centro de Atenção Psicossocial. Nesse sentido, utilizamos um método cartográfico, para construir a reflexão e a escrita referente aos processos experimentados ao longo da pesquisa. Essa escrita faz parte das problematizações que estão embasando um projeto de doutorado, no PPG em Informática na Educação, da UFRGS. A ideia consiste em mapear os rituais construídos na Oficina, por meio das articulações entre as diferenças e as repetições experimentadas pelos integrantes do grupo. E, assim, torna-se imprescindível contextualizar as intervenções da dança contemporânea sobre o corpo da loucura e relacionar com as novas discussões referentes à Reforma Psiquiátrica.

Nesse sentido, esperamos compor conexões entre o campo empírico, no caso, a Oficina de Dança no CAPS, com um campo conceitual, que sirva de base

para a construção do campo problemático. Temas referentes ao corpo, ao tempo do Acontecimento e da Duração, ao gesto tornado estético, à clínica da reforma psiquiátrica, podem servir como pontos importantes para as discussões.

Não temos, pois, passos pré-definidos, uma vez que esperamos acompanhar os processos vividos no empírico, além de problematizarmos o nosso olhar sobre eles. Portanto, a Cartografia serve como um método que não segue protocolos normatizados, mas que se constrói em conjunto com as experimentações que vão sendo problematizadas. Segundo Virgínia Kastrup, cartografar não implica representar um objeto, mas acompanhar um processo. Nesse sentido, trata-se de um método sempre em movimento, numa busca por novos modos de olhar para o nosso cotidiano e os percursos de intervenção (Kastrup, 2007). Assim, esperamos acompanhar os processos que são inventados na Oficina de Expressão Corporal do CAPS, a partir dos próprios atos de criação dos pacientes e de suas conexões entre o corpo, a estética e o tempo, não mais cronológico, mas que passa a ser intensivo e criativo.

Além disso, o pesquisador/cartógrafo não busca uma neutralidade, uma vez que ele está implicado com os caminhos e processos da pesquisa. Ele não tenta falar sobre o que acontece, pois quer fazer um mergulho na experiência. A partir daí, cartografar também implica em realizar uma análise das implicações do pesquisador, ou seja, trata-se de compor uma problematização dos lugares que ele vem ocupando nesse grupo, no sentido de pensar sobre os efeitos causados, analisar as rupturas e os processos de composição maquínica da expressão e do desejo.

Nesse ponto, podemos tentar mergulhar nessa experiência específica. Assim, a Oficina vem ocorrendo há, aproximadamente, três anos. Inicialmente, muitos usuários participavam dessa proposta. Ao longo desse tempo, alguns usuários saíram, outros desistiram. Enquanto isso, outros permanecem e foram, pouco a pouco, transformando os seus modos de participação. Se, outrora, havia uma postura mais passiva e disposta a receber as insígnias de atividades, pouco a pouco, começaram a haver múltiplos movimentos de autonomia e criação, no sentido de uma participação mais ativa no grupo. Logicamente, isso não ocorre numa única direção, ou seja, há momentos de maior autonomia e de produção de desejo e, paralelamente, o corpo ainda enfrenta dificuldades e modos mais passivos de ser.

Desse modo, para compor esse mapeamento, é interessante poder escrever sobre as oficinas experimentadas, além de pensar sobre as conquistas alcançadas. Nesse sentido, entendemos que um diário de campo, que sirva não só como registro, mas também como reconfiguração do olhar sobre a intervenção, pode ser fundamental para as perspectivas que estão sendo criadas. Nesse instrumento, é possível anotar sensações vividas, impressões e idéias, a fim de ir costurando os elementos híbridos

que compõem um processo de pesquisa e de estudo. Ao compor esse mapeamento, esperamos articular os acontecimentos vividos na Oficina, com conceitos, referentes ao tempo e ao corpo, que possam servir como ferramentas para a composição de um novo olhar sobre o usuário dos serviços de Saúde Mental. Ainda, é possível a reflexão sobre esse método que vem sendo inventado coletivamente, quando ligamos a tecnologia da dança contemporânea ao corpo que sofre e pede ajuda. A idéia consiste em dar pistas, bem como em analisar efeitos e interferências recíprocas que surgem a partir dessa prática experimentada.

Além disso, estamos fazendo vários registros e problematizações da Oficina, por meio de imagens, de fotos, de filmagens e de discussões feitas com os próprios participantes. Assim, temos construído o mapeamento de nossos processos, em conjunto com os atores/bailarinos da Oficina, já que eles nos trazem um olhar importante sobre nossas conquistas e transformações. As imagens criadas implicam em uma mudança da direção do olhar, no momento em que o usuário se vê em um movimento ativo e criativo de ampliação do gesto e da composição de uma coreografia que se inventa coletivamente.

MOVIMENTO III: NOVAS EXPRESSIVIDADES PARA O CORPO QUE DANÇA

Temos percebido, na Oficina de Expressão Corporal, a criação lenta e continuada de novos processos expressivos. Isso se torna visível no corpo dos usuários, que, pouco a pouco, entram em maior sintonia com a técnica da dança e, ao mesmo tempo, tornam-se mais autônomos para criar e investir em seus processos singulares de expressão.

Um movimento dançado pode conter esse caráter temporal do corpo, sua possibilidade de “durar” e de se transformar em outro gesto, em outro material expressivo. Trata-se de um modo de ser no tempo, formas e forças como possibilidade de se transformar (MOEHLECKE, 2005). Assim, os tempos da dança e da estética atravessam os corpos da psicose, e podem produzir expressividades que encontram contorno e ajudam o corpo a fazer dobra, a compor a sua subjetivação.

Nosso grupo vivencia as repetições dos exercícios, as experimentações do gesto, ou seja, tratam-se de rituais que foram construídos pela coordenação e pelos integrantes do grupo. Assim, o tempo da Oficina experimenta a sua duração, expande os sentidos, convoca o corpo a se deparar com seus limites. Vivenciamos as intensidades da repetição, a cada novo ensaio do gesto; experimentamos a memória do movimento, quando tentamos ultrapassar a coreografia e compor o seu transbordamento. Segundo [Deleuze \(2006\)](#), a repetição desperta potências. Nesse

sentido, o que se repete pode ser uma potência retraída. Ou seja, algo da ordem das forças, que vai acionar novas expressividades no sujeito e desterritorializar as atuais definições, pode cutucar a linguagem atual.

Por meio dos rituais e de um tempo que constrói paradoxos entre diferenças e repetições, os corpos que dançam, na Oficina de Expressão Corporal do CAPS, podem atualizar novos modos de agir e novos contornos, em conexão com a estética do gesto dançado. Isso tem produzido mudanças muito interessantes nos usuários, no grupo, na maneira de como a Oficina vem sendo conduzida. Eles saem de uma posição mais passiva, e, pouco a pouco, experimentam um lugar mais ativo, ao criar gestos e dar sugestões sobre os nossos funcionamentos. Os usuários, gradativamente, vão se tornando bailarinos. Isso provoca efeitos muito interessantes em seus processos clínicos e estéticos. Um corpo pode convidar o medo e a paranoia a dançar, no momento em que ele se percebe diferente, conectado a uma linguagem estética, e, assim, disposto a ser visto de uma nova maneira pelo olhar do outro. Isso faz com que novas intensidades o habitem e o povoem por uma multiplicidade de configurações e expressividades.

Também podemos visualizar uma maior estabilidade nos modos de subjetivação. Há integrantes que vão se tornando mais calmos, ou mais criativos, ou mais conectados com o grupo. Se, inicialmente, a interação entre eles era muito limitada, atualmente, percebemos um grande sentimento de pertencimento ao grupo e de amizade. Pélbart salienta que a loucura encontra a sua clausura no Fora, uma vez que não consegue fazer dobra. O corpo da psicose é atravessado por todas as forças, as palavras e as coisas. E, se tudo o atravessa, ele pode, a qualquer momento, explodir ou incendiar (PÉLBART, 1989). Temos visto que os participantes da Oficina passam a sentir um pertencimento, seja em relação ao grupo, ou em relação à arte, o que vem provocado efeitos interessantes na clínica da psicose.

Por esses motivos, esperamos que o Projeto produza alguns impactos nos modos de reflexão e discussão sobre os modos de se fazer clínica na Saúde Mental. Isso se deve ao fato de que estamos propondo a utilização de dispositivos estéticos e temporais, no caso, o grupo e a dança contemporânea, para criarmos uma intervenção que atravessa o corpo e transforma o sujeito em novos modos de ser. Tratamos, então, de abdicar de práticas exclusivas e disciplinadoras, além de propormos a construção de uma nova problemática, no que tange o corpo da loucura e suas novas formas de expressividades, para além da doença e da vitimização.

Assim, ao mapearmos os processos da Oficina de Dança, esperamos construir um olhar sobre as repetições e as diferenças experimentadas pelos participantes, ou seja, tentamos refletir sobre o tempo que penetra no gesto e que produz vibrações. Isso requer a problematização da clínica e da dança contemporânea, como modos

possíveis para a construção de um corpo ativo e criativo em relação à doença mental. O desafio consiste em convidar o sofrimento a dançar, para que, desse novo encontro, possam surgir novos agenciamentos maquínicos do sujeito.

Discutimos uma clínica que não se faz somente pela palavra, já que ela utiliza a estética dançada e o próprio corpo como materialidade e como dispositivos fundamentais para uma prática pautada na criação e no encontro entre corpos diversos. O que não quer dizer que não relançamos a palavra ao encontro do gesto que se põe a dançar, a fim de que sejam construídos elos híbridos entre o movimento e o dito, no sentido de promover conexões inventivas que potencializem o corpo e o sujeito.

Nossas perspectivas se pautam, pois, nas discussões propostas sobre as transformações vivenciadas no corpo, a partir de seus múltiplos tempos, além dos novos caminhos da Clínica em Saúde Mental, por meio da Intervenção em Dança Contemporânea. Portanto, se abrimos mão de uma disciplina imposta ou de um abandono cruel, é porque agenciamos novas possibilidades de comunicar com sujeitos em crise, a fim de construir uma linguagem expressiva e artística, que convida as intensidades vividas a dançar e a compor novas coreografias com a estética do existir.

REFERÊNCIAS:

BERGSOM, Henri. **Matéria e Memória**: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999. ①

CECCIM, R.. Equipe de saúde: a perspectiva entre-disciplinar na produção dos atos terapêuticos. In: Pinheiro, R. e Mattos, R.A. (org.) **Cuidado**: as fronteiras da integralidade. RJ: UERJ/ Hucitec, p. 259-278, 2004. ①

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1998. ①

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006. ①

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. São Paulo: Ed 34, 1999. ①

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade e política**. Ditos & Escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. ①

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. 33 ed. Petrópolis: Vozes, 2007. ①

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicologia & Sociedade**, v.19, n. 1, 2007. ①

MOEHLECKE, Vilene; FONSECA, Tania Mara Galli. Da Dança e do Devir: o corpo no regime do Sul. In: **Revista do Departamento de Psicologia – UFF**, v. 17, n. 1, jan./jun. 2005. ① ②

PAULON, Simone. Clínica Ampliada: que (m) demanda ampliações? In: FONSECA, Tania Mara Galli (Org.). **Corpo, arte e clínica**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004. ①

PÉLBART, Peter Pál. **Da clausura do fora ao fora da clausura**: loucura e desrazão. São Paulo: Ed brasiliense, 1989. ①